

Uma relação de trabalho entre homens e aves ainda hoje utilizada.

O nobre esporte da **FALCOARIA**



O FALCOEIRO Marcus Staffhorst liberta Floris, sua springer spaniel. A cadela dispara em direção a uns arbustos e, segundos depois, levanta vôo uma perdiz. Voando em círculos a 100 m de altitude, Lady, um falcão peregrino escocês fêmea, com 1 m de envergadura de asas, paira majestosa na claridade do céu. Ao avistar a perdiz, mergulha, com as asas esticadas e rígidas, atingindo uma velocidade de quase 200 km/h. Ataca a perdiz e pouso com ela no campo.

Com Floris saltitando atrás dele, Staffhorst, homem alto, louro e ligeiramente bronzeado de sol pela vida ao ar livre, caminha em direção de Lady, orgulhosamente sentada sobre sua presa.



TOM NIEROP

Exibe-lhe então um pedaço de carne para que voe de volta a sua luva de couro. Após um momento de hesitação, o animal obedece. Depois, Staffhorst apanha a perdiz e a deposita em seu saco de caça, sempre sob o olhar penetrante, vivo, cintilante de Lady. Seu bico afiado aproxima-se perigosamente do rosto do treinador, mas este se mantém imperturbável. «Olhos? Não, ela não gosta», afirma com segurança. «Mas isto aqui já lhe poderia interessar», continua, segurando a ponta do nariz. Lady bate as asas. Em breve estará terminado seu treinamento.

O costume de capturar aves de rapina e treiná-las para a caça remonta a 2000 a. C. aproximadamente na Ásia Central. A falcoaria tornar-se-ia popular na Europa durante a Idade Média, e os falcoeiros

holandeses gozavam de grande reputação. No século XVII, Valkenswaard, no Sul da Holanda, em particular, tornar-se-ia um importante centro desta arte.

A caça com aves de rapina esteve durante muito tempo reservada à nobreza, havendo normas rígidas a respeito de quem podia caçar e com que tipo desses predadores. Por volta do ano de 1500, por exemplo, o emprego de falcões peregrinos estava reservado apenas aos duques e príncipes. Os imperadores eram os únicos a poder caçar com águias de grande porte. Os falcões nórdicos eram apanágio dos reis. Os mortais de condição abaixo desse panteão tinham de se contentar com açores e gaviões.

Tais leis já não existem, mas a falcoaria continua a não ser um esporte acessível, existindo longas listas de espera por licenças de caça. Staffhorst, por exemplo, teve de esperar dez anos pela dele, mesmo depois de ter provado a um instrutor que sabia lidar com aves de rapina e conseguiria controlar responsabilmente as populações de caça. Existem hoje cerca de 120 falcoeiros na Holanda, o que não é muito, se compararmos a cifra às de países árabes como o Qatar, o Bahrein e os Emirados Árabes Unidos, onde a antiga tradição ainda prospera.

Aos 33 anos, Staffhorst é um dos



nove falcoeiros holandeses profissionais que existem. Fundou a Primeira Academia Holandesa de Falcoaria, através da qual, desde 1992 até o início deste ano, organizou cursos para divulgar o esporte. «Nos cursos, os alunos puderam verificar se tinham ou não aptidões para a falcoaria, um esporte que exige muito em termos de tempo, conhecimentos e esforço», diz ele. Os cursos foram frequentados por cerca de 300 pessoas.

O interesse de Staffhorst pela falcoaria foi despertado quando o atual treinador ainda se encontrava na escola primária e assistiu ao filme *Kes*, que tratava de um jovem que treinava um francelho. Nos campos que circundavam a casa de seus pais, Staffhorst deitava-se no campo e ficava observando os espantosos movimentos dos gaviões e açores, e a forma como os búbios se cortejavam em vôos de acasalamento, pairando juntos durante horas e horas em altas correntes de convecção, descrevendo círculos, atacando-se alegremente por divertimento e

oferecendo comida um ao outro. Um tal encontro entre dois pássaros (que constituirá uma relação a dois para a vida inteira) ainda hoje lhe suscita a sensação de liberdade e aventura.

Concluídos os estudos, um encontro casual com o diretor da Escola Britânica de Falcoaria resultaria num curso que o jovem faria na Inglaterra. Staffhorst ainda prolongaria sua estada por mais algum tempo, trabalhando como falcoeiro em

LARUS E AS GAIVOTAS

Larus, um açor, olha pela janela do carro em busca de gaivotas. Assim que vê uma, prepara-se para o ataque, mas suas patas se encontram atadas a uma fita de couro, presa aos dedos do falcoeiro. Ao tentar voar, é detido, pelo que volta imediatamente a pousar.

A ave está a caminho da nova marina de Ijmuiden com seu dono, Simon Smit, de Amsterdam. Falcoeiro profissional, ele é pago pela empresa proprietária da marina para manter as gaivotas afastadas. «Existem dezenas de milhares aqui em volta», conta ele. «Antes de eu ser contratado, duas pessoas passavam o dia lavando os dejetos delas pelo cais da marina com mangueiras de pressão. Hoje, há muito menos gaivotas.»

Com Larus no pulso, Smit entra num pequeno barco a motor, iniciando uma volta pelo porto. Ao pressentir o perigo, as gaivotas levantam vôo e adejam em círculos pelo céu, mas Larus percebe uma que ficou para trás no cais. Deixando imediatamente o punho de Smit, rasa a água em direção à presa. Prontamente, a gaivota levanta vôo e foge. Smit chama então Larus com um apito e um pedaço de carne de pombo.

Ele tem três açores. «Escolhe-se a ave de acordo com a região onde se vai caçar e o tipo de presa que se pretende ter», explica. Um falcão peregrino não é adequado para seu trabalho: «O peregrino voa a grande altitude, vê a presa de longe e ataca. Já o açor observa-a de mais perto e só ataca se achar que tem possibilidade de apanhá-la.»

Ao cabo de meia hora, encontramos mais algumas gaivotas pousadas no cais. Saindo da mão de Smit, Larus dispara em sua perseguição. Pouco depois, não se vê praticamente uma única gaivota no porto.

CONDENSADO DE «HUNTING WITH A FASCINATING KILLER», DE ERIC FOKKE, «AMSTERDAMS STADSBLAD-NOORD» (15 DE NOVEMBRO DE 1995), AMSTERDAM.

várias bases militares para manter as imediações livres de pássaros.

Seu escritório atual se assemelha a um pequeno museu, com uma coleção de sinos usados nas pernas dos falcões, selos postais de Abu Dhabi que retratam aves de rapina e inúmeras ilustrações antigas de cenas de caça, tudo a testemunhar sua grande paixão. Empoleirados numa barra, há dois falcões vindos da Índia que ainda não completaram um ano, enquanto no jardim estão dois falcões e um açor. Todos foram criados para

a caça. Staffhorst prefere receber os pássaros com seis a oito semanas de idade. «Nessa altura, eles já têm penas», explica.

Apanha Rani, um dos falcões indianos, e a leva no punho para um passeio de treino. Seu punho, que desempenha um papel determinante na falcoaria, está protegido das garras cortantes das aves de rapina por uma espessa luva de couro. Por vezes, Marcus caminha durante cinco ou seis horas por dia, treinando um animal, para habituá-lo ao ambien-

O NOBRE ESPORTE DA FALCOARIA

te, ao punho e ao falcoeiro. A ave deverá acostumar-se a ver o punho como um local seguro para se alimentar. O passo seguinte é convencê-la a voar de certa distância até ele. Primeiro, alguns centímetros, que irão aumentando gradualmente até chegar a 100 m. As recompensas sistemáticas de comida a ensinam a voltar para o punho do falcoeiro.

O momento mais assustador é aquele em que o pássaro é libertado pela primeira vez. «No ano passado, eu estava pondo um deles para voar. A ave estava perfeita, melhor que nunca», recorda Staffhorst. «Vai daí que subiu a mais de 150 m, virou para a esquerda e nunca mais a vi. O que terá acontecido ainda hoje é um mistério para mim.»

Após algumas semanas de habituação, é tempo para o isco — uma presa artificial feita com duas asas de pato ou de outro pássaro fixadas uma à outra, às quais se prende um pedaço de carne, que depois é pendurado a um fio, para tentar o falcão a atacar. O tempo de treinamento total dura de seis a oito semanas, atingindo o clímax no dia em que a primeira presa verdadeira é perseguida.

Durante a caminhada de treino, Rani abre por vezes o bico de forma ameaçadora. Staffhorst mantém-se calmo. Pouco depois, tem a mão coberta por manchas de sangue no local onde o pássaro, excitado, o bicou.

O ex-aluno Rob Hofland acompanha-nos com Bitia, a irmã de Rani, que só tem uns poucos dias de treinamento. Inquieta, tenta ela cons-

tantemente fugir, mas tem as patas presas por fitas de couro. «É natural», comenta Staffhorst. «No princípio, não querem nada com o ser humano. Mas, passado algum tempo, compreendem que a coisa não é assim tão ruim.»

Mostra-nos depois um pequeno capuz de couro. «Se houver muita gente por perto ou muito trânsito, pode-se encapuzá-los», explica. «Isso faz maravilhas.» Com destreza, faz deslizar o capucho pela cabeça de Bitia. A venda, inofensiva, é utilizada para manter os pássaros sossegados durante o treino ou quando são transportados. A reação natural de um pássaro que não consiga ver é manter-se quieto.

«Em princípio, qualquer ave de rapina é suscetível de ser adestrada», diz Staffhorst, «mas na Holanda só temos autorização para fazer isso com açores e falcões peregrinos.» Cada uma dessas espécies tem sua forma de caçar característica. O açor observa a presa a partir de um local que lhe dê vantagem, acima do chão (uma árvore, por exemplo). O falcão peregrino voa em círculos, mergulhando sobre a presa. Se esta estiver voando, apanha-a em vôo horizontal com as garras. O peso da ave de rapina determina o poder de seu ataque. Um falcão peregrino macho pesa cerca de 0,5 kg e uma fêmea quase 1 kg. Com esse peso, eles conseguem capturar corvos, gaivotas e gansos do Egito de 1,5 kg em pleno vôo.

Depois de agarrarem a presa a grande velocidade, pousam com ela

e partem-lhe o pescoço com o bico. De modo geral, os falcoeiros não permitem que suas aves fiquem com as presas, uma vez que estas poderão estar contagiadas por germes ou doenças. Alimentam-nas com carne que conservam em geladeira — por exemplo, de pombo, coelho ou pintos.

Staffhorst considera a caça o aspecto menos importante da falcoaria, embora existam várias ocasiões em que acaba por fazer-se útil. Os produtores de mexilhões da província de Zeeland, no Sul da Holanda, solicitam regularmente os serviços dos falcoeiros, pois a região é cheia de depósitos de lixo municipais e vive infestada de gaivotas. O mesmo acontece com os agricultores cujas colheitas secam com os excrementos das gaivotas ou cujos campos cerealíferos e medas são pilhados pelos corvos. Quando Staffhorst é chamado para um trabalho desse tipo, vai até a zona afetada em seu jipe, levando um açor encapuzado no braço. Quando se tira o capucho, o pássaro voa pela janela aberta, encontrando sem dificuldade o caminho em direção à presa. A distância máxima a partir da qual pode atacar com sucesso ronda os 250 m.

Muitos aeroportos, entre os quais o de Rotterdam, lançam mão de aves de rapina treinadas para afastar os

bandos de pássaros que, de outra forma, correriam o risco de ser tragados para dentro do motor dos aviões, provocando grandes estragos. Esta é a mais suprema das simbioses entre uma tradição de milhares de anos e a tecnologia moderna.

«Assim que os pássaros percebem que o falcão vai atacar mortalmente, fogem de imediato», conta Staffhorst. Fala a experiência. Na Inglaterra, ele trabalhou na base aérea de Lakenheath com outros falcoeiros e muitas aves. (Uma ave de rapina só consegue fazer um número limitado de vôos.) É um trabalho que requer muita concentração. Certa vez, Marcus entrou numa pista de decolagem e quase foi esmagado por um F-111. «Tremi durante dias...», recorda ele.

Que existe de tão intrigante acerca da falcoaria? Para Staffhorst, é da delicada combinação entre o selvagem e a submissão. Pode-se conseguir criar uma relação de trabalho entre o homem e a ave, que no entanto nunca se domestica inteiramente. «Que animal daria mais gosto de adestrar que uma ave de rapina, que tanto pode ir-se embora como ficar, segundo sua vontade?», pergunta Marcus. «É uma experiência única quando uma dessas aves escolhe regressar ao falcoeiro, chegando a ponto de lhe entregar sua presa.»

© 1995 DE TOM NIEROP. CONDENSADO DE «ELSEVIER» (22 DE JULHO DE 1995), AMSTERDAM, COM ACRÉSCIMOS DO AUTOR.
FOTOS: PÁGINA 64, © DE LARRY B. JENNINGS/PHOTO RESEARCHERS; PÁGINA 65, © DE VIREO;
PÁGINA 66, © DE JIM GOODWIN/PHOTO RESEARCHERS

JÁ reparou que os fins de semana são como arco-íris? Parecem maravilhosos à distância, mas desaparecem quando nos aproximamos.

— Jay Trachman, em *One to One*